



A londrina Philomena Francis conta que a imagem de duas faces que se opõem foi a forma que encontrou para expressar a união de dois conceitos: o corpo feminino e a "Distância e Proximidade"



Hakam Gürsoytrak, nascido em Ancara, capital da Turquia, mas residente em Istambul, inverteu as ideias de um tecido indiano, transformando-o num grande símbolo da globalização



No meio do jardim da Fundação Gulbenkian, em Lisboa, há toldos que parecem traçar um caminho para um portal escondido no meio das árvores. Começamos a trilhá-lo, mas não sabemos onde é o final. Também pode ser uma pista para o caminho que a sociedade está a seguir: ali não há bifurcações, o caminho é único.

Quem olha para cima não vê o céu aberto de um jardim, mas um céu desenhado por 14 artistas a partir da temática do programa "Distância e Proximidade", a propósito do Ano Europeu do Diálogo Intercultural. Nesta caminhada vemos tecidos com estampas que vão de uma folha de cacau a um tecido indiano com símbolos à volta da globalização. Ou ainda uma mulher negra que gera filhos e uma "rede tecida" com homens orientais, como se eles fossem linhas de coser.

De nove nacionalidades, os 14 autores dos desenhos estampados nos toldos na exposição "Toldos de Artistas" são multiétnicos e trabalham com temas ligados à diversidade cultural, muitos deles marcados pela dispersão africana no mundo. Neste contexto, não é de admirar que uma inglesa, uma brasileira, um português e um brasileiro possam unir-se em distintos pontos do globo por uma temática semelhante. O diálogo intercultural pode realizar-se aí, no resultado deste "patchwork" extenso, feito não de retalhos mas de tecidos que podem ser encarados como "retalhos culturais" da história de vida de cada um dos artistas, costurados pelo comissário António Pinto Ribeiro.

Diáspora africana

Negra, mas londrina, Philomena Francis (uma das artistas), filha de pais jamaicanos, carrega na própria pele a construção da imagem de um europeu miscigenado e reflecte a contradição criada no Parlamento Europeu, neste ano que parecia ser favorável ao Diálogo Intercultural mas que, ao mesmo tempo, se tornou mais restrito em relação aos imigrantes com a aprovação da directiva do retorno (que a partir de 2010 determina o repatriamento de imigrantes ilegais nos 27 Estados-membros e os proíbe de entrarem na União Europeia durante cinco anos).

Influenciada pela sua experiência como negra inglesa de primeira geração, a artista tem investigado a essência da identidade da mulher negra e a imagem que ela tem de si própria. A textura do "Toldos de Artistas" é mais fácil de compreender quando

Exposições



A distância que nos

aproxima

"Distância e Proximidade" é o tema de um programa da Gulbenkian que começou com uma instalação de "Toldos de Artistas", um "patchwork" feito de tecidos que podem ser os "retalhos culturais" da história de vida de cada um dos 14 artistas. *Cláudia Silva*

se percebe o elo de ligação entre alguns dos 14 criadores. A "mulher negra", por exemplo, repete-se no toldo "A Vida" da brasileira Rosana Paulino, visto que em toda sua obra realça a posição desta mulher na sociedade brasileira.

Philomena Francis, que esteve em Lisboa no dia 21 de Junho para a inauguração da exposição, conta que a imagem de duas faces que se opõem foi a forma que encontrou para expressar a união de dois conceitos: o corpo feminino e a "Distância e Proximidade".

Nascido em Lisboa, mas a viver em Berlim, o artista plástico Francisco Vidal, assim como Philomena, é europeu, mas filho de pais imigrantes, mãe cabo-verdiana e pai angolano. Desenvolve nas suas obras questões de raça, diferença, negritude e diáspora africana. O desenho do artista estampado aproxima-nos deste universo miscigenado, feito sob as páginas de uma revista de moda americana, quando Vidal estava em Nova Iorque. De regresso à Europa, passou

A artista portuguesa Marisa Vinha estava na Índia quando recebeu o convite para participar na exposição e acredita que não poderia haver lugar melhor para receber tal convite

A relação da Europa com os imigrantes tem a ver com a "construção de um império, de um país, mas a partir do momento em que começam a existir pequenos problemas, o imigrante deixa de fazer parte desse império"

Philomena Francis

lugar melhor para receber tal convite. Num processo inicial, a artista decidiu trabalhar o tema das religiões - "fiz desenhos sobre símbolos religiosos e desenhos étnicos". "Mas, no fim, o resultado de toda aquela explosão de cores acabou por se resumir na frase de um profeta", que se refere às pessoas que não professam uma religião, mas que se interessam pelo tema e partilham de uma liturgia pessoal. Também designer, Marisa Vinha desenvolveu, em parceria com a Swatch, um relógio que está a ser oferecido pela Fundação Gulbenkian, enquanto símbolo da globalização e ícone da sociedade actual. "Foi-me pedido para trabalhar um objecto do qual tivéssemos perdido a memória", explica a artista. "Ironicamente, trabalhei um objecto sem memória, em circulação permanente." É a primeira vez que a Swatch faz uma edição limitada de um relógio em Portugal, especialmente para o programa "Distância e Proximidade".

O orientalismo - termo utilizado para designar a utilização por artistas e criadores ocidentais de elementos, descrições ou imitações culturalmente conotadas com as culturas ditas orientais, segundo a Wikipédia - é abordado pelo artista turco Hakam Gürsoytrak, nascido em Ancara, capital da Turquia, mas residente em Istambul. O pintor inverteu as ideias de um tecido indiano, transformando-o num grande símbolo da globalização. O nome do toldo é "Warnament: Crying Carpets", um neologismo que funde a palavra "war" (guerra) em "ornament" (ornamento). "Crying carpets" é um trocador feito com "flying carpets", uma referência aos "tapetes voadores", como os de "As Mil e Uma Noites". Símbolos orientais, como animais, foram trocados por imagens que expressam questões globalizadas, como o problema do petróleo, da escassez da água e da guerra. "Existem dois grandes problemas no mundo: a água e o petróleo. Coloquei as armas a contornar as pessoas que são rodeadas por objectos que nos fazem lembrar estas questões", lembra Hakam.

"Podemos nós viver sem os outros?"

Europeu, mas fora da União Europeia, Hakam acredita que a repatriação de imigrantes é só mais um dos controlos gerados pela globalização.

"Eu, se não tivesse cartão de crédito Visa, não tinha entrado em Portugal para ver a exposição", destaca.

Irónico, como o facto de, quatro dias antes de ter inaugurado a exposição e começado o programa "Distância e Proximidade", a tal directiva de retorno ter sido aprovada.

A "distância" parece tornar-se maior quando se fala em fecho de fronteiras, mas não é assim que o comissário António Pinto Ribeiro interpreta esta ideia: a "distância" à qual o Programa Gulbenkian se refere é produtiva do ponto de vista social, sendo que esta aguça a curiosidade de conhecer e entender o outro - mas não elimina os conflitos e as diferenças culturais.

A ideia de que "vamos ser todos iguais e nos vamos entender de forma pacífica", diz Pinto Ribeiro, é demagógica. Porém, quando se fala em expulsar imigrantes, "estamos a falar de exclusão. Não há qualquer vontade em aproximar-se do outro e deixar o outro aproximar-se de nós".

Um irónico "that is nice" é a resposta de Philomena Francis para a iniciativa restritiva da União Europeia. "É complicado pensar a relação da Europa com os países do Terceiro Mundo, por causa da história colonial", e para a artista plástica a relação da Europa com os imigrantes tem a ver com a "construção de um império, de um país, mas a partir do momento em que começam a existir pequenos problemas, o imigrante deixa de fazer parte desse império".

Partindo de uma premissa já proposta em 2007 pela Fundação no fórum cultural "O Estado do Mundo, as Possibilidades e os Limites da Interculturalidade", "Distância e Proximidade" quer provocar a reflexão. "A programação da Gulbenkian não vai resolver os problemas" em torno da interculturalidade, mas "é um pequeno contributo", explica António Pinto Ribeiro.

Sentado num dos bancos do jardim do Gulbenkian, abaixo de um dos toldos, Pinto Ribeiro elogia aquele "espaço público que dá muito gozo", onde as pessoas namoram, lêem e relaxam. "Quis que essa ideia de festividade contagiasse a programação através da música", buscando assim "um caminho entre a reflexão e a festividade". Por isso, fazem parte do programa concertos de grupos étnicos como o Cacique 97, um colectivo que fala em algumas das suas músicas sobre a imigração africana no tom do afro-beat, a música do brasileiro Arnaldo Antunes e até mesmo a Orquestra Gulbenkian dirigida pelo maestro chinês Muhai Tang.

Os outros artistas que participam nos toldos são o chinês Wilson Shieh de Hong Kong, que trabalha a pintura figurativa e usa a técnica chinesa do traço fino, os africanos Celestino Mudaulane, de Moçambique, e Yonamine, de Luanda, os argentinos Sérgio Vega, residente em Gainesville, na Florida, e Santiago Cucullu, também residente, desde a infância, nos Estados Unidos, em Milwaukee. A norte-americana Kenya Evans, a francesa Gabi Jiménez e o português, residente em Barcelona, Uiu, colaborador no fórum cultural "O Estado do Mundo", em 2007, com a criação de um desenho.

A 27 de Outubro há a Conferência Internacional Gulbenkian com o professor Arjun Appadurai, que tem estudado a violência cultural, o reconhecimento da diferença cultural como valor da modernidade e as consequências da globalização cultural. E, de antemão, a questão principal da conferência é deixada pelo comissário António Pinto Ribeiro: "Podemos nós viver sem os outros?"

Ver agenda de concertos pág. 48 e de exposições pág. 42

ROTAS & RITUAIS

O POVO DAS ESTRELAS

24 JUNHO A 3 JULHO

CINEMA SÃO JORGE · PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS



CINEMA SÃO JORGE

EXPOSIÇÃO
24 JUNHO A 3 JULHO
ENTRADA LIVRE

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE VÁRIOS ARTISTAS
EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA "CIGANOS NA CIDADE"

DE VALTER VENTURA
MOSTRA DE TRAJES FEMININOS CIGANOS

CINEMA
24 A 28 JUNHO, 22H00
CICLO DE CINEMA TONY GATLIF

27 JUNHO
EXIB
28 JUNHO
LATCHO DROM*

* com a presença de músicos

MÚSICA

29 JUNHO, SÁBADO
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CINEMA
1 JULHO, SÁBADO
A SEVERA DE LEITÃO DE BARROS, 1931

MÚSICA
1 JULHO, 22H00
FANFARE CIORCALLA AND QUEENS AND KINGS

2 JULHO, 22H00
KAL (sérvia) E BRATSC (FRANÇA)

3 JULHO, 22H00
SON DE LA FRONTERA (ESPAÑA)

CONFERÊNCIA
2 JULHO, SÁBADO
TINOP, O FADO, A CIDADE E AS GENTES
PELO ANTHROPOLOGO PAULO LIMA

ENTRADA LIVRE

PADRÃO DOS DESCOBRIMENTOS

EXPOSIÇÃO
24 JUNHO A 28 SETEMBRO
"CIGANOS DO SUL" DE RENATO MONTEIRO

TEATRO INFANTE
24 A 27 JUNHO, SÁBADO
28 JUNHO, SÁBADO

A FARSA DAS CIGANAS
ENTRADA LIVRE, DESPESAS DE CRIANÇAS 50€ A 10€ 10 ANOS

ATELIEZ
24 A 27 DE JUNHO, SÁBADO
RODAS CONTADAS, CONTOS RODADOS

ENTRADA LIVRE, DESPESAS DE CRIANÇAS 50€ A 10€ 10 ANOS

APÓS O ALTO COMENDADO PARA A PROMOÇÃO E INCLUSÃO CULTURAL, ALÉM DE FINANCIAMENTO, SERVIÇO ORGANIZADO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, INSTITUTO FRANCÊS PORTUGUÊS, PROTECTORADO NACIONAL DA PASTORAL DOBRO GOSPODAR, INSTITUTO FRANCÊS DE LINGUÍSTICA DE LISBOA, SEMEIO EN TRADUÇÃO



Viver os Jardins Gulbenkian



ACTIVIDADES PARA FAMÍLIAS
sábados das 14:00 ÀS 16:00



Os Jardins que o Jardim contém

Explorar a orgânica do jardim. Criar outros micro jardins como jardins imaginários.

05 JULHO Toca/carapaça

Lupas sensoriais

Apurar os cinco sentidos à descoberta de novas vidas do jardim. Conceber objectos e outros dispositivos auxiliares da percepção.

28 JUNHO Cozinha do bosque

12 JULHO Relevos do jardim

26 JULHO Para te ver melhor!

Monitores Vanda Vilela e Nuno Neves



INFORMAÇÕES

Tel. 217 823 514 / 483 www.gulbenkian.pt Preço 7,50€ por adulto
Para famílias com crianças dos 4 aos 10 anos (1 adulto + 1 criança)
máx. de 10 adultos por atelier.
Bilhetes à venda na Livraria da Sede e Recepção do CAMJAP
por Cartão de crédito tel. 217 823 474

Serviços Centrais

Design MIT